

Psicologia não é coaching: capturas neoliberais dos saberes e práticas psi

Gabriela dos Santos Melo Bomfim¹

Lucas Bourdette Ferreira²

Maurício Coutinho Pereira³

Paulo Vitor Goulart Gama⁴

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Giuliana Volfzon Mordente⁵

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo: O *coaching* é uma prática cada vez mais difusa, marcada pelo objetivo de aprimoramento do desempenho. À medida que o imperativo neoliberal de maximização do rendimento, que sustenta as práticas de *coaching*, se expande para todos os âmbitos da vida, do trabalho aos relacionamentos, observa-se a utilização de termos e técnicas de diversas áreas do saber, como a Psicologia. O presente artigo visa delimitar a prática do *coaching* a partir de uma revisão bibliográfica da literatura, de modo a compreender como *coaching* e Psicologia se confundem no imaginário social e, por fim, diferenciá-los. Através do conceito de racionalidade neoliberal, analisa-se o *coaching* enquanto técnica comprometida com a generalização da concorrência e a transformação do sujeito em um empreendimento, gerando e acentuando o sofrimento psíquico. Em contrapartida, assumimos a perspectiva de uma psicologia crítica e compromissada com a saúde, distanciando Psicologia e *coaching*.

Palavras-chave: coaching; neoliberalismo; racionalidade neoliberal.

¹ Graduada em Psicologia pela UFRJ.

² Especializando em Clínica Psicanalítica pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB/UFRJ). Graduado em Psicologia pela UFRJ.

³ Graduando em Psicologia pela UFRJ.

⁴ Mestrando em Teoria Psicanalítica (PPGTP/UFRJ). Graduado em Psicologia pela UFRJ.

⁵ Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF). Doutora e mestre em Psicologia pelo PPGP/UFRJ. Especialista em Educação Transformadora pela PUCRS. Psicóloga (UFRJ) e Pedagoga (UNIBF).

Psychology is not coaching: neoliberal captures of psychological knowledge and practices

Abstract: Coaching is an increasingly widespread practice, characterized by the goal of performance enhancement. As the neoliberal imperative of maximizing the performance that sustains the practice of coaching expands to all areas of life, from work to relationships, concepts and techniques from different areas of knowledge are used, such as Psychology's. The article aims to delimitate the coaching practice through bibliographical research, seeking to understand why coaching and Psychology get confused in the social imaginary and differentiate them. Through the concept of neoliberal rationality, coaching is analyzed as a technique compromised with the generalization of the competition and transformation of the subject into enterprise, producing and aggravating psychic suffering. Otherwise, we assume the perspective of critical Psychology committed with health, differentiating Psychology and coaching.

Keywords: coaching; neoliberalism; neoliberal rationality.

Psicología no es coaching: capturas neoliberales de conocimientos y prácticas psicológicas

Resumen: El coaching es una práctica cada vez más difusa, marcada por el objetivo de mejorar el rendimiento. A medida que el imperativo neoliberal de maximizar los ingresos que sustentan las prácticas de coaching se expande a todos los ámbitos de la vida, del trabajo a las relaciones, se utilizan términos y técnicas de diferentes áreas del conocimiento, como la Psicología. El artículo pretende delimitar la práctica del coaching a partir de una revisión bibliográfica de la literatura, para comprender cómo coaching y Psicología se confunden en el imaginario social y diferenciarlos. A través del concepto de racionalidad neoliberal se analiza el coaching como técnica comprometida con la generalización de la competencia y la transformación del sujeto en empresa, generando y acentuando el sufrimiento psicológico. Por otro lado, asumimos la perspectiva de una psicología crítica comprometida con la salud, diferenciando Psicología y coaching.

Palabras clave: coaching; neoliberalismo; racionalidad neoliberal.

O coaching é uma prática cada vez mais presente na vida cotidiana. Essa expansão ocorre não somente pelo número de coaches que ofertam seus serviços, como também pela quantidade de campos possíveis para a sua atuação. Esses campos abrangem desde o aprimoramento do desempenho em ambientes empresariais até trabalhos motivacionais em relações interpessoais. À medida que o coaching se debruça sobre aquilo que historicamente se construiu como o objeto de uma psicologia hegemônica clínica – o psiquismo⁶ –, utilizando-se de termos e técnicas do saber psicológico, as fronteiras entre coaching e Psicologia são tensionadas, de modo que ambas as práticas se confundem no imaginário social.

Neste artigo, assumimos a perspectiva de subjetividade de Nikolas Rose (2001), para quem a subjetivação passa pela relação que os indivíduos estabelecem consigo mesmos a partir de uma variedade de esquemas mais ou menos rationalizados, que atuam sobre nossas formas de compreender e viver nossa existência em nome de determinados objetivos. Desta maneira, os sujeitos se compreendem de forma atrelada a certas práticas e técnicas situadas historicamente em um tempo e espaço, o que suspende a noção de um eu essencialista, mas possibilita uma análise da diversidade de formas de ser e estar no mundo. Nessa perspectiva, recusa-se a noção de um interior psíquico pertencente a um sujeito absoluto, transcendente, construído a partir de estruturas previamente fixadas, focando em sua produção, a partir de uma multiplicidade de forças. Portanto, em diálogo com Safatle (2020), é possível considerar que normas, regras e comportamentos não são apenas aprendidos, mas fazem parte de um processo de produção de si.

Diante da escassez de delimitações claras e de comparações críticas entre o coaching e a Psicologia na literatura circulante, o presente texto tem como objetivo investigar contornos históricos de ambas as práticas, analisar como se confundem no imaginário social e, principalmente, demarcar como se diferem. Partimos da emergência do coaching no contexto de consolidação neoliberal, tornando imprescindível analisar seus efeitos subjetivantes (GUATTARI e ROLNIK, 1996). Pretendemos demonstrar como o coaching se fundamenta no discurso neoliberal, sendo inseparável do mesmo. Juntamente, discute-se as formas pelas quais a racionalidade neoliberal produz e agrava o sofrimento psíquico, bem como as formas que este último assume na contemporaneidade.

Tendo em vista a importância dessa prática e seu desenvolvimento no contexto brasileiro, iniciamos este artigo com um breve histórico do coaching e de sua consolidação no âmbito internacional, devido à escassez de estudos nacionais sobre o tema. Em seguida, investigamos que parte da “confusão” a respeito destas práticas diz respeito às forças neoliberais que operam a produção de uma psico-

⁶ Cabe destacar que o entendimento de psiquismo varia conforme a abordagem teórica. Nossa objetivo, no entanto, foi tratá-lo de forma ampla, como grande objeto de estudo “guarda-chuva”.

logia hegemônica. Portanto, não se trata apenas de uma diferenciação entre *coaching* e Psicologia, mas de uma análise das dinâmicas entre forças hegemônicas que historicamente operaram o campo da psicologia clínica e forças que buscaram resistir aos processos dominantes. Estas últimas adotaram e seguem afirmado uma perspectiva crítica na consolidação das múltiplas histórias das psicologias. Por fim, demarcamos descontinuidades e fronteiras entre ambos os campos a fim de afirmar uma psicologia comprometida com a transformação social.

Metodologia

Para explorar o tema em questão, realizou-se uma revisão bibliográfica da literatura sobre o *coaching*. Essa investigação permitiu identificar aspectos gerais da prática do *coaching* e historicizar o seu desenvolvimento e a sua relação com o contexto neoliberal. Foi realizado um levantamento acerca da história social da Psicologia, em suas múltiplas histórias e perspectivas (PORTUGAL, FACCHINETTI e CASTRO, 2018).

Foram feitas pesquisas nas plataformas de acesso a artigos científicos Google acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciElo) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), utilizando as palavras-chave “*coaching*”, “*coaching* e Psicologia” e “*coaching* e Psicologia crítica”. Por meio desse processo, foram identificados artigos que abordavam o fenômeno do *coaching*, seu processo histórico e suas perspectivas. No entanto, constatou-se uma escassez de produções críticas que problematizassem os interesses em curso, de modo a investigar o seu papel na consolidação de práticas sociais desiguais, assim como análises que visibilizassem a articulação entre os saberes do *coaching* e os saberes psi.

Além dessa pesquisa, foram utilizadas obras que se propuseram estudar os processos de produção de subjetividade nos tempos atuais, bem como as que historicizam o papel da Psicologia, como Dardot e Laval (2016), Foucault (2017), Han (2017), Rose (2001, 2008), Safatle (2021) e Ehrenberg (2010).

Compreendendo a prática do *coaching*

O *coaching* é uma prática que vem crescendo nas últimas décadas (KARAWEJCZYK e CARDOSO, 2012) e ganhando relevância rapidamente, embora ainda não haja um consenso sobre a sua definição, seus métodos e objetivos (OLIVEIRA-SILVA *et al.*, 2018; FERREIRA, 2008). Na tentativa de delimitar essa prática múltipla, é importante situá-la historicamente, para assim demarcar os seus usos e analisar seus efeitos subjetivos.

Vale destacar que qualquer tentativa de traçar a história do *coaching* enfrentará certa imprecisão, devido não apenas à sua heterogeneidade, mas principalmente à escassez de produção teórica se comparada à extensa disseminação da prática (GRANT e CAVANAGH, 2004; FERREIRA, 2008). No Brasil, a incipienteza desse campo teórico é ainda mais evidente, explicitada na escassez de artigos publicados em periódicos indexados (OLIVEIRA-SILVA *et al.*, 2018; BORGES, 2015; SILVA, 2019). Sendo assim, observa-se que a produção acadêmica sobre o tema é majoritariamente estadunidense e europeia.

Não pretendemos traçar uma origem verdadeira, linear e causalista do surgimento desta prática, tendo em vista que seu desenvolvimento está ligado a um campo muito diverso de fatores. Autores como Nietzsche (2009) e Foucault (2017) já demonstraram os problemas de simplificações em “mitos de origem”. Sendo assim, para situar o *coaching* historicamente, o presente artigo parte do

recorte do *coaching* na área organizacional, considerando que essa é a esfera que mais se aproxima da sua prática atual. Inicialmente, apresentaremos as ideias tal como os autores *coaches*, em sua maioria, as colocam, ao passo que as problematizações devidas serão feitas na sequência, bem como a definição escolhida para análise neste artigo.

Evered e Selman (1989 *apud* FERREIRA, 2008) localizam o surgimento do *coaching* no contexto organizacional, quando os gestores de empresas estabelecem com seus subordinados uma relação de mestre-aprendiz. A atuação de executivos em grupos de trabalho almejava melhorar processos, reduzir desperdícios e, consequentemente, aumentar os lucros, sendo o gestor-*coach* responsável por desenvolver as competências dos funcionários de forma a alcançar resultados “suficientes” e até mesmo “extraordinários”⁷ (SALLES *et al.*, 2019).

De maneira semelhante, Grant e Cavanagh (2004) delimitam três fases do desenvolvimento do *coaching*. A primeira, no final da década de 1930, diz respeito ao uso do termo no ambiente organizacional, atrelado à função de supervisor. A segunda fase, a partir da década de 1960, mantém o *coaching* como ação interna na empresa a partir da relação superior-subordinado, apoiada nas primeiras publicações científicas sobre as contribuições da prática. A terceira fase, já na década de 1990, indica um aumento das publicações científicas e da prática ainda no contexto organizacional, porém por profissionais externos às empresas.

Os autores ainda analisam a literatura *coach*, apontando cinco principais tendências investigativas: 1) artigos sobre a prática interna do *coaching*, exercida por gerentes; 2) início de produção acadêmica mais rigorosa na prática interna do *coaching* e seu impacto na performance de trabalho; 3) inclusão do *coaching* exercido por profissional externo à organização, visando provocar mudanças individuais e organizacionais; 4) início das pesquisas *coaching* como forma de investigar mecanismos psicológicos e os processos envolvidos na mudança individual e organizacional; 5) surgimento de literatura teórica voltada para o *coach* (GRANT e CAVANAGH, 2004).

Vale destacar a diversidade de sentidos atribuídos ao termo “*coaching*” ao longo da história, o que dificulta a formulação de uma definição precisa para este. Ives (2008) propõe que, inicialmente, o *coach* era considerado um orientador, atuando de forma diretiva, isto é, buscando apontar meios específicos para que o cliente alcançasse seus objetivos.

Na década de 90, identifica-se a saída da atividade do *coach* como exclusivamente gestor de pessoas na empresa para uma prática que pode ser aplicada a diferentes pessoas, em diversos contextos. Algumas publicações dessa época demonstram essa diversificação do *coaching* para além do campo profissional: Pryor, em 1994 (*apud* FERREIRA, 2008: 49) define *coaching* como “um processo no qual o *coach* e seu cliente trabalham juntos na definição de uma meta de desenvolvimento, pessoal e profissional, (...) por meio de questões abertas e *feedback* privado em que são expostas as vulnerabilidades pessoais ou de autoestima”. Nos anos 2000, essa expansão do *coaching* para outras áreas fica mais evidente. Ives (2008), por exemplo, afirma que tal prática passa a adotar elementos terapêuticos e de desenvolvimento pessoal.

É possível concluir que, apesar de não existir um consenso a respeito do marco histórico da emergência do *coaching*, identifica-se sua relação com o contexto organizacional e, consequentemente, com uma lógica de produtividade ca-

⁷ Este artigo adota uma estratégia conceitual ao destacar entre aspas certos termos em disputa, reconhecendo sua natureza não fixa e referenciando-os sobretudo no uso observado no contexto do *coaching*.

pitalista. Com a posterior expansão para além do ambiente empresarial, acompanhada da impregnação de novas técnicas e de novas demandas, tanto os objetivos quanto as próprias definições do *coaching* tornaram-se ainda mais múltiplas. Como será aprofundado mais adiante, a expansão do *coaching* para outros âmbitos da vida para além do trabalho acompanha a expansão da própria lógica empresarial para a vida cotidiana. O sujeito passa a se entender como “empresário de si” e “empreendedor”, em processos neoliberais de modulação subjetiva, buscando uma maior e contínua produtividade.

Ives (2008) destaca algumas das discordâncias entre as diversas correntes do *coaching*, incluindo: 1) a controvérsia quanto à necessidade de domínio por parte do *coach* sobre a sua área de atuação; 2) a falta de consenso em relação ao objetivo do *coaching*, que pode ser direcionado tanto para o desenvolvimento pessoal quanto para o aprimoramento da performance; 3) questionamentos sobre o foco do processo de *coaching*, envolvendo considerações sobre a abordagem centrada ora em “sentimentos”, ora em “ações”; 4) a divergência quanto ao papel do *coach*, que pode ser restrito à formulação de perguntas ao *coachee* ou incluir também a emissão de afirmações.

Quanto às concordâncias, o principal ponto está no encorajamento para que o *coachee* assuma “controle” de sua vida e desenvolva “consciência” e “responsabilidade” de suas ações. Silva (2019: 27) define *coaching* como “um processo de desenvolvimento pessoal e profissional, com foco no presente e no futuro, que auxilia uma pessoa ou um grupo de pessoas a atingirem seus objetivos por meio da identificação, do entendimento e do aprimoramento de suas competências”. Para Borges (2015), o *coach* desempenha o papel de incentivar o *coachee* a atingir o máximo do seu potencial, incentivando a busca por resultados tanto no âmbito profissional quanto no pessoal, e orientando o cliente no processo de reconhecimento e compreensão de seus recursos e limitações. O *coach* precisa conseguir facilitar a aprendizagem e aprimorar o desempenho. Na mesma linha, Bachkirova *et al.* (2009), definem o *coaching* como um processo de desenvolvimento humano que envolveria uma interação focada e estruturada, bem como o uso de estratégias e técnicas para promover uma mudança desejada para o benefício do *coachee*. Deste modo, o *coaching* seria um veículo poderoso para aumentar a performance, otimizar a “efetividade pessoal” e, principalmente, atingir resultados.

Segundo Oliveira-Silva *et al.* (2018), os estudos sobre o *coaching* são mais desenvolvidos em âmbito internacional. Há periódicos exclusivos sobre a temática como, por exemplo, o periódico inglês *International Journal of Evidence-Based Coaching and Mentoring*. Em contraste, o cenário brasileiro apresenta uma escassez de publicações científicas acerca do tema, o que dificulta a consolidação de um embasamento teórico sólido. Mesmo com tal insuficiência, o número de profissionais certificados cresceu 207% entre 2005 e 2011 no Brasil (MOTTA, 2011), o que indica uma discrepância entre a disseminação prática e a produção teórica no país. Ainda no âmbito nacional, destacam-se as instituições de *coaching*: Instituto Brasileiro de Coaching, Federação Brasileira de Coaching Integral Sistêmico, *Integrated Coaching Institute* e Sociedade Latino-americana de Coaching.

Apesar da tentativa de regulamentação do *coaching* por meio do projeto de lei 5554/2009 (BRASIL, 2009)⁸, que se encontra arquivado, a prática segue sem qualquer forma de controle legal, bem como sem uma base ética comum para a

⁸ Dentre as proposições do projeto de lei, está a exigência de diploma de curso superior para exercer o *coaching*, curso de especialização de órgãos de notório conhecimento nas técnicas do *coaching* e registro prévio como profissional nos Conselhos Regionais referentes à área de atuação do *coach*.

atuação do *coach* (SILVA, 2019). A ausência de legislação ou de um código de ética permite que a prática seja exercida sem uma regularização que proteja a sociedade de um mau exercício. Trata-se de uma das diferenciações que desenvolveremos mais adiante.

Coaching e o neoliberalismo

A partir da investigação realizada, conclui-se que a emergência e consolidação do *coaching* – tal como concebemos hoje – está atrelada a uma esfera empresarial. A seguir, apresenta-se uma análise da lógica que rege o contexto corporativo e as novas formas de sociabilidade hoje: a racionalidade neoliberal (DARDOT e LAVAL, 2016). Para investigar o fenômeno *coaching*, faz-se necessário aprofundar as dinâmicas e dispositivos de poder que operam o neoliberalismo.

O neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados. (DARDOT e LAVAL, 2016: 17)

O uso do termo racionalidade feito por Dardot e Laval (2016) advém da obra de Michel Foucault, em um curso publicado como *Nascimento da Biopolítica* (2008a), a partir de suas investigações sobre o conceito de governamentalidade. A governamentalidade liberal não se caracteriza puramente pela submissão do sujeito a instituições disciplinares marcadas por uma coerção externa, mas pela busca da promoção do autogoverno do indivíduo em uma relação de si consigo mesmo. A condução das condutas dos seres humanos se dá justamente por meio da liberdade e não contra ela (FOUCAULT, 2008b).

Cabe frisar que a liberdade é um termo em disputa por diferentes perspectivas teóricas. O uso neoliberal desse conceito se refere a um ideal iluminista de um certo tipo de sujeito - trata-se de uma liberdade individualizante pautada na capacidade advinda da razão de ser responsável por si e pelas próprias ações. Nesse sentido, Ferreira, Padilha e Starosky (2010: 122) afirmam que “as formas de liberdade que vivemos hoje estão, pois, intimamente ligadas a um regime de individualização no qual os sujeitos não são meramente ‘livres para escolher’, mas obrigados a serem livres”.

O uso do termo “racionalidade neoliberal” permite abordar o neoliberalismo não meramente como uma prática econômica, mas como uma dinâmica complexa de poder que afeta as formas de conduzir as próprias condutas, formas de ser, estar e pensar no mundo, permitindo o aparecimento de técnicas como o *coaching*.

Uma das principais características desta racionalidade é a primazia da concorrência sobre as relações sociais enquanto motor do progresso (DARDOT e LAVAL, 2016). O sujeito precisa provar o seu próprio valor em meio a uma competição que se expande para os mais diferentes âmbitos da vida. O conceito de “capital humano” é um importante conceito para demonstrar uma relação marcada pela exigência constante de autovalorização segundo uma lógica mercantil (FRANCO *et al.*, 2021). A ideia de que o valor do indivíduo deve ser provado, em contraste com algumas concepções modernas⁹, implica que “cada indivíduo deve aprender a ser um sujeito ‘ativo’ e ‘autônomo’ na e pela ação que ele deve operar

⁹ Segundo Dardot e Laval (2016: 324), “O indivíduo liberal, a exemplo do sujeito lockeano proprietário de si mesmo, podia acreditar que gozava de todas as suas faculdades naturais, do livre exercício de sua razão e vontade, podia proclamar ao mundo sua autonomia irredutível”.

sobre si mesmo” (DARDOT e LAVAL, 2016: 337). O indivíduo, em meio a tantas possibilidades de escolhas, se torna o único responsável pelo seu “sucesso” ou “fracasso” no mercado de trabalho. Assim a governamentalidade neoliberal conduz os sujeitos a buscarem a “melhor versão de si”.

Se, anteriormente, o sujeito assalariado ocupava uma certa passividade, sendo necessário conformar-se aos interesses do patrão, atualmente, há uma demanda para que ele assuma uma postura ativa, concebendo-se como uma empresa que requer desenvolvimento contínuo para prosperar e sobreviver dentro de um contexto normativo competitivo. A despeito disso, ainda está sujeito ao cumprimento de metas e exigências impostas. Os novos corpos dóceis contemporâneos precisam ser proativos, resilientes, inovadores, fazendo escolhas e se responsabilizando pelas mesmas. É nesse sentido que Dardot e Laval (2016) convocam a noção de “empresário de si”, fruto da governamentalidade neoliberal, responsável pelo próprio desempenho e capaz de gerir as diferentes áreas da vida como um gestor que gere diferentes áreas da empresa.

Há um novo alvo do poder no neoliberalismo: o desejo (SAFATLE, 2021; DARDOT e LAVAL, 2016). O sujeito neoliberal está convencido de que o alcance de metas empresariais, pelos quais ele mesmo é levado a desejar, depende exclusivamente de seu próprio esforço e iniciativa. Como efeito, os indivíduos passam a enxergar as normas sociais da competitividade neoliberal como uma expressão do seu próprio desejo. Ehrenberg (2010) destaca a efetividade dessa forma de poder baseada no autogoverno, uma vez que a gestão pós-disciplinar busca economizar o uso de técnicas disciplinares coercitivas a fim de produzir um sistema de governo mais eficiente. Baseia-se no imperativo de “seja você mesmo”, na capacidade de autocontrole e emprego das próprias competências (HAN, 2017).

Portanto, as principais características da racionalidade neoliberal são a generalização da concorrência e a subjetividade produzida a partir das forças empresariais. É neste contexto de subjetividade ilusoriamente inflada (SAFATLE, 2021), na qual o sujeito exige de si mesmo ser um empreendedor bem-sucedido, que o *coaching* ganha popularidade.

Coaching como uma prática neoliberal

O *coaching* passa por um considerável crescimento, em âmbito internacional, a partir da década de 80 (FERREIRA, 2008). Justamente nesse período, ocorre a consolidação dos primeiros governos que adotam políticas neoliberais, marcado por um meio corporativo cada vez mais competitivo e insalubre. Essa prática se destaca como uma ferramenta capaz de auxiliar os profissionais a sobreviverem em meio a radical competição, por meio do aprimoramento de competências individuais e desempenho profissional, seja para obter cargos mais elevados ou apenas manter o próprio emprego.

Nessa perspectiva, o *coaching* pode ser definido como uma técnica de governamentalidade neoliberal baseada em três aspectos principais: reforço da norma competitiva; produção do sujeito “empresário de si” e atuação por meio da condução de condutas.

Para elaborar o primeiro aspecto, retornamos à definição de Silva (2019), na qual o *coach* é um profissional que busca conduzir as pessoas a atingirem seus objetivos a partir do aprimoramento de competências. Identifica-se o imperativo do “ir além”, isto é, ultrapassar os limites do indivíduo à procura de um desempenho sempre maior (EHRENBERG, 2010; HAN, 2017; SAFATLE, 2021). Dessa

forma, na ânsia de tornar o indivíduo mais produtivo, o *coaching* oferece artifícios para que o sujeito busque se destacar em meio à prevalente cultura competitiva. A normativa da primazia da concorrência é reforçada, resultando em uma elevação das expectativas de desempenho e exigências de eficácia.

O segundo aspecto para o *coaching* ser considerado uma técnica de governamentalidade neoliberal se concentra na chamada “ética da empresa”: uma exaltação do “combate”, da “força”, do “vigor” e do “sucesso” dos indivíduos (DARDOT e LAVAL, 2016). Em um atendimento com um *coach*, o indivíduo volta seu olhar para si mesmo, não como alguém que constrói uma narrativa da própria história, mas como alguém que está avaliando constantemente o próprio desempenho, as metas cumpridas e os objetivos os quais ainda precisam ser conquistados – a partir de uma perspectiva empresarial de si.

Finalmente, o *coaching* é uma técnica da governamentalidade neoliberal que visa a “conduta de si e dos outros”, estimulando um aumento de eficácia (DARDOT e LAVAL, 2016). Com a expansão da lógica empresarial, o *coaching* transborda de uma prática restrita ao campo organizacional para diferentes esferas da vida, focados no “desenvolvimento pessoal” e, até mesmo, na produção de “efeitos terapêuticos” (IVES, 2008). Nessa perspectiva, um sujeito alinhado às exigências de bom desempenho, busca um *coach* a fim de rever sua relação consigo mesmo, mudando as próprias condutas, as próprias ações. O *coaching*, assim, funciona como uma técnica que produz, por meio da “liberdade”, um indivíduo-empresa. Como afirmam Dardot e Laval:

O “coaching” é a marca e ao mesmo tempo o meio dessa analogia constante entre esporte, sexualidade e trabalho. Foi esse modelo (...) que permitiu “naturalizar” esse de-
ver de bom desempenho e difundiu nas massas certa normatividade centrada na con-
corrência generalizada. (DARDOT e LAVAL, 2016: 354)

Uma nova forma de sofrimento psíquico

Estudos feitos com pessoas que participaram de eventos¹⁰ oferecidos por instituições de *coaching*, afirmam que seus efeitos foram aparentemente benéficos para seu público-alvo. Os participantes do estudo relataram apresentar melhorias em “variáveis” como depressão, ansiedade e estresse; assim como autoeficácia, felicidade e satisfação; se comparadas com o momento do início da experiência (DAMÁSIO, 2019).

No entanto, não é viável realizar uma análise dessas “variáveis” como se fossem dados estáticos, mensuráveis e neutros, e, consequentemente, comprovar que as experiências mencionadas anteriormente melhorariam a saúde mental de qualquer pessoa. É necessário, primeiramente, investigarmos como o *coaching* opera. O *coaching* é uma técnica de *enhancement*¹¹ da racionalidade neoliberal (NEVES *et al.*, 2021; DARDOT e LAVAL, 2016), ou seja, tem o objetivo de aprimorar os indivíduos, incentivando-os a se tornarem a “melhor versão de si mesmos”. Não são poucos os autores que estabelecem uma conexão entre depressão e as mudanças do capitalismo desde o final do século passado (DARDOT e LAVAL, 2016; EHRENBERG, 2000; SAFATLE, 2021; HAN, 2017). A questão aqui levantada é investigar como essas mesmas transformações produzem um solo fér-

¹⁰ Estes se referem às “experiências de imersão” “Desperte Seu Poder” (DSP) e à formação do “Professional & Self Coaching” (PSC), ambas oferecidas pelo Instituto Brasileiro de Coaching.

¹¹ Termo em inglês que significa aprimoramento, comumente utilizado pelos autores citados para se referir a tais formas de aprimoramento pessoal.

til para o desenvolvimento do *coaching*, o qual se destaca como uma técnica independente dos conhecimentos da psicologia e desvinculada de suas regulamentações.

O aspecto intrigante no trabalho desses autores reside na identificação da depressão como sinônimo de sofrimento psíquico, decorrente da renúncia a conceitos como o mal-estar e as contradições entre as normativas sociais e as singularidades do desejo. Segundo Ehrenberg (2000), a depressão seria a corporificação da tensão entre o desejo de ser si mesmo e a dificuldade de concretizá-lo, o que gera o cansaço. Ao se promover como uma técnica de aprimoramento de si e autovalorização, o *coaching*, propaga a ideia de responsabilidade individual pelo próprio desempenho, concebido em um espectro entre sucesso e fracasso, sem considerar os atravessamentos sociais sobre o sujeito. Ao apontar o próprio corpo como recinto ilimitado de força de vontade, o *coaching* propicia e endossa formas de sofrimento psíquico.

A emergência da lógica neoliberal na esfera global produziu efeitos significativos nas concepções vigentes de Psicologia, da Psiquiatria e de sofrimento psíquico, com foco nos padrões normativos voltados para adequação a um *ethos* de autovalorização (DARDOT e LAVAL, 2016). Safatle (2021) aponta uma reconfiguração da gramática do sofrimento psíquico orientada pelos ideais de conduta, hoje marcados por uma exigência do próprio sujeito para consigo mesmo. Identifica-se a necessidade de silenciar a dimensão de revolta social que se exprime no sofrimento psíquico para que ele passe a ser somente uma condição orgânica. Esse é o caminho que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) encontrou para estabelecer uma suposta neutralidade dentro da determinação dos quadros clínicos, amparado pela psicofarmacologia. Há um silenciamento dos conflitos políticos e sociais, secundarizando a questão etiológica para focar nas descrições clínicas e reformular o vocabulário diagnóstico em termos objetivos (DEMAZEUX *apud* SAFATLE, 2021). Nesse imaginário, o corpo deixa de ser um dos limitadores para o sujeito neoliberal, obrigando-o a ir sempre “além de si” (DARDOT e LAVAL, 2016), com o auxílio de medicações para abafar possíveis sintomas do esgotamento.

O resultado foi um processo de reconfiguração completa da forma de descrever o sofrimento psíquico, cujos principais fatores são: o desaparecimento das neuroses como quadro compreensivo principal para determinação do sofrimento psíquico; a individualização das depressões e a sua ascensão como quadro principal de descrição de sofrimento psíquico; a ascensão das patologias narcísicas e borderlines; a elevação da esquizofrenia a condição de “psicose unitária”, categoria geral de organização do campo das antigas psicoses. (SAFATLE, 2021: 39)

As patologias descritas pelo terceiro volume do manual e seus subsequentes se pautam nos avanços dos estudos em genética e na sofisticação de exames de imagem para estabelecer o normal e o patológico, sem levar em conta a heterogeneidade dos processos imbricados na produção da concepção de saúde mental. Uma vez tendo encontrado uma evidência orgânica e passível de ser medida, recusa-se todos os demais fatores na análise a serem considerados. As narrativas do sofrimento psíquico a partir do neoliberalismo estariam - não de maneira ingênua, mas como dispositivos de controle - deixando de fora fatores psicossociais, históricos e econômicos, cada vez mais individualizando o sofrimento em torno de uma condição orgânica patológica.

Se o sofrimento no liberalismo e no capitalismo industrial de produção era por privação, ou seja, dava-se no conflito entre as normas sociais vigentes e os desejos impedidos do sujeito, o sofrimento no neoliberalismo e no capitalismo de consumo pode ser

melhor entendido na dinâmica do gozo, em que a questão não é a da adequação a normas sociais postas, mas a da autossuperação dos limites do sujeito a todo momento. (SAFATLE, 2021: 147)

Desse modo, podemos ver três aspectos dessa nova gramática do sofrimento psíquico: primeiro, aquilo que produz sofrimento estaria na esfera causalista dos processos privatizantes, individualizantes e orgânicos, excluindo, assim, os processos coletivos e sociais, bem como o próprio capitalismo enquanto produtor de sofrimento; segundo, há a introdução de uma concorrência irrestrita ou “concorrência absoluta” (HAN, 2017), que força o sujeito do desempenho a competir consigo mesmo de forma a estar sempre se superando; e, por último, identificamos a fragilização dos vínculos sociais, o que gera uma sociedade escassa em solidariedade, formada por “indivíduos que não devem nada a ninguém” (DARDOT e LAVAL, 2016: 366) e uma crescente fragmentação e atomização do social (HAN, 2017).

A partir do momento em que se adere à lógica da avaliação e da responsabilidade total de si mesmo, a pressão por resultados, a precarização, o estresse e outras formas de violência no trabalho começam a se confundir com uma falta de “força de vontade”, de “garra” e de empenho, cada vez mais naturalizadas. Essa naturalização é encarnada em um discurso meritocrático e individualizante, produzindo uma noção de sucesso e fracasso cuja responsabilidade é exclusivamente do sujeito. Nesse sentido, Corrêa e Rodrigues (2017) destacam o papel das condições laborais contemporâneas nos quadros clínicos, pontuando como principais elementos presentes na depressão as condições de trabalho fortemente marcadas pela pressão por resultados, a sobrecarga e a intensificação do trabalho, a desagregação dos laços sociais, a violência simbólica, a precarização e as perdas salariais (CORRÊA e RODRIGUES, 2017).

Dentro desse contexto, o *coaching* poderá se valer como importante aliado do capital para calar aquele que sofre, por meio de um processo de naturalização dessas condições de trabalho e da produção de subjetividade a partir de padrões competitivos, impedindo o reconhecimento de que essas condições sejam problemáticas e fruto de uma exploração sistêmica.

Ao se promover como uma técnica de aprimoramento de si e autovalorização, o *coaching* corrobora com a produção de uma realidade propícia a essa forma de sofrimento. Ao propagar uma responsabilidade individual sobre o próprio desempenho, ao excluir os atravessamentos sociais e ao apontar o próprio corpo como recinto ilimitado de força de vontade, o *coaching* contribui com os processos de individualização e exploração que geram sofrimento psíquico, uma vez que ele mesmo representa o campo de saber que pretende garantir êxito vitalício.

Assim, o *coaching* se estabeleceu como uma técnica de condução de condutas neoliberais, atuando em processos individualizantes, meritocráticos e competitivos, e reafirmando as formas de sofrimento operadas por processos de controle e dominação, a exemplo das lógicas de colonização e generificação. Ainda que faça uso indiscriminado de conhecimentos produzidos por outras áreas do saber, como a Psicologia e a Psiquiatria, não está submetido às normativas destas profissões e suas intervenções não possuem quaisquer formas de controle contra possíveis danos resultantes destas.

Diante de tal conjuntura, é possível afirmar que sofrer mergulhado na lógica neoliberal deixou de ser uma consequência da própria existência em sociedade ou da “impossibilidade da estrutura institucional em dar conta da natureza do singular do desejo” (SAFATLE, 2021: 42), para ser uma condição orgânica de mal

funcionamento, a ser consertada por um sujeito que tudo pode frente a correta dose de antidepressivo.

O coaching e a Psicologia: a crítica que nos diferencia

A fim de demarcar a diferença entre a Psicologia e o *coaching*, investiga-se por que ambos se confundem no imaginário social: há similitudes entre as práticas? Se sim, quais seriam estas?

De acordo com Rose (2008), a Psicologia se constitui enquanto um campo científico dentro do contexto de democracias burguesas no norte global ao longo do século XX, a partir de uma variedade de projetos políticos voltados para o controle dos indivíduos. Desde a sua consolidação, trata-se de uma disciplina que busca formular um saber capaz de regular e modelar as relações entre os indivíduos e as formas de sentir, agir e pensar a si mesmo e os outros. A formação desse campo científico se fortalece a partir de práticas desenvolvidas dentro de instituições como escolas, hospitais e prisões, onde almejava-se controle da conduta coletiva e individual.

É possível identificar uma psicologia clínica-hegemônica que historicamente atuou por meio da produção de um conhecimento sobre o sujeito, através da formulação de um vocabulário capaz de se referir a uma interioridade, uma identidade, um *self*. Isso permitiu que se pensasse em autonomia, liberdade e realização pessoal sob termos “psicológicos” (ROSE, 2008), mas também que se pensasse em um indivíduo apartado do social, de sua classe, das relações que o constituem e da sua capacidade de agência coletiva. Nesse sentido, o surgimento da Psicologia em um contexto liberal acompanha os ideais do liberalismo, como o direito natural, a liberdade de comércio, a propriedade privada e a centralidade do indivíduo (DARDOT e LAVAL, 2016). Com o avanço do capitalismo e as transformações advindas do neoliberalismo, certas perspectivas de Psicologia também passaram a engendrar formas de subjetivação correlatas a este momento do capital, compartilhando dos ideais dessa governamentalidade.

Diante disso é importante destacar que a Psicologia não será um campo único, com um paradigma unificado e homogêneo, mas sim um campo marcado por uma multiplicidade que nos obriga a empregar a ideia de múltiplas psicologias, no plural. Tal variedade de paradigmas permitiu a disseminação das práticas psi e o que Rose (2008) chamou de sua “generosidade”, indicando a disposição desse campo de saber em “emprestar” seus vocabulários e formas de julgamento para diversas áreas. Por estarem revestidos de científicidade, tais vocábulos possuiriam as credenciais sobre a produção de verdade sobre o sujeito, se apresentando como autoridade sobre ele. A diversidade de técnicas e saberes sobre o ser humano permite a coexistência de teorias contraditórias em um mesmo campo de atuação.

O *coaching*, por sua vez, se apoia nessa fundação assentada pela Psicologia, tanto no sentido de possibilidade de atuação sobre um “eu” encoberto e decifrável, quanto na captura de termos e teorias já estabelecidos como “científicas” dentro do campo psicológico. O caráter pretensamente científico desse saber traz, portanto, um certo tom de credibilidade ao *coaching*, fazendo desse “legítimo”.

Da mesma forma, o *coaching* busca formar um tipo de relação adequada à lógica neoliberal, onde a liberdade dá lugar à obrigação de desempenho, e a norma de domínio de si dá lugar à estimulação intensiva das próprias iniciativas,

fazendo a fusão do discurso “psi” com o discurso econômico através do imperativo de competição entre as “empresas de si” (DARDOT e LAVAL, 2016; SAFTALE, 2021).

Dentre os aspectos que podem dificultar a diferenciação entre a prática do *coaching* e a Psicologia, destaca-se a forma de atuação. Se considerarmos a prática da psicologia hegemônica, por vezes o psicólogo está na posição de possuidor do saber sobre a interioridade do sujeito, capaz de guiá-lo para um conhecimento sobre si, para o desenvolvimento pessoal ou cognitivo, além de fornecer diretrizes para a adequação à norma vigente. A atuação do *coach*, de forma semelhante, também atua pela palavra, fazendo uso de saberes consolidados no campo psi. A posição do *coach* como detentor de um saber sobre o seu cliente o tornaria capaz de conduzi-lo para adaptação à norma, produzindo um sujeito responsável por seus atos e capaz de tomar controle de sua vida.

Voltando-nos para a diferenciação entre o *coaching* e a Psicologia, constatamos que há um compromisso ético com a saúde no fazer psicológico que está ausente na prática do *coaching*. O *coaching* está ligado a uma ética empresarial, que valoriza a iniciativa, a ambição e a responsabilidade pessoal, levando o indivíduo-empresa a buscar a maximização do seu capital humano, exercendo um trabalho sobre si mesmo visando constante aprimoramento e aumento de sua eficácia (DARDOT e LAVAL, 2016). Esta ética de funcionalidade transforma o trabalho no principal meio de realização pessoal, uma vez que este permitiria alcançar os ideais de autonomia e liberdade prezados pelo individualismo instituído. Conforme discutido, o principal objetivo do *coaching* é o aprimoramento do indivíduo, transbordando a lógica empresarial do trabalho para todos os âmbitos da vida, à medida em que tudo torna-se passível da otimização de resultados diante da obrigatoriedade de ser a melhor versão de si mesmo (HAN, 2017).

Esse transbordamento pode ser observado através do *life coaching*, uma linha cuja proposta seria o aprimoramento da performance e do bem-estar na vida do indivíduo – sem se restringir ao aumento da funcionalidade no ambiente de trabalho – com foco em metas dentro do âmbito pessoal, como finanças, relacionamentos e o desenvolvimento de uma “existência mais realizadora” (GRANT; CAVANAGH, 2009). A noção de bem-estar, isolada enquanto meta obtida a partir de conquistas individuais, demonstra como esta subjetividade é modelada de acordo com a lógica neoliberal, sofrendo a fusão das aspirações individuais e dos objetivos da empresa.

A consequência desse imperativo presente no *coaching* produz sujeitos alienados da realidade social, que acreditam ser preciso uma imersão completa na busca por sucesso e pela sua “melhor versão”, entendendo a si mesmos como um empreendimento. Como demonstrado, esse processo é altamente nocivo, constituindo uma incompatibilidade entre a prática do *coaching* e o bem-estar físico, psicológico e social dos indivíduos e coletividades. Em contrapartida, o bem-estar proposto por este artigo recusa uma experiência privatizante de satisfação pessoal, obtida por meio da conquista de objetivos individuais, e se apresenta como um estado que perpassa, além de questões relativas às trajetórias dos sujeitos, o acesso aos direitos e às políticas públicas, em consonância com a concepção ampliada de saúde.

Além disso, o *coaching* consiste em uma prática fundada sob uma concepção meritocrática de sucesso, na qual sua obtenção está exclusivamente ligada ao esforço empreendido para alcançar os objetivos pretendidos, desconsiderando quaisquer marcadores sociais como raça, gênero e classe. Difunde-se a ideia de que os indivíduos são inteiramente responsáveis pelo seu fracasso, a despeito das

desigualdades de acesso à recursos e dos impedimentos decorrentes de opressões sofridas.

Por outro lado, a prática psicológica no Brasil está orientada pelo Código de Ética do Psicólogo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005), o qual, dentre seus princípios fundamentais, estabelece que os psicólogos(as) devem visar à promoção da saúde e da qualidade de vida das pessoas e coletividades, além de atuar com responsabilidade social e analisar de maneira crítica a realidade política, econômica, social e cultural. A saúde é constituída por determinantes que extrapolam fatores biológicos, perpassando o acesso a bens e serviços essenciais, como a educação e o trabalho (BRASIL, 1990). A qualidade de vida é produzida a partir de múltiplos fatores, como alimentação, justiça social, renda, moradia, lazer, acesso à escolarização (CZERESNIA, 1999). Diante disso, o(a) psicólogo(a) deve ser um profissional comprometido com a saúde na medida em que exerce uma prática crítica.

Embora a Psicologia possa ser capturada e colocada a serviço de interesses neoliberais, buscando normalizar sujeitos e conformá-los à ordem estabelecida, os parâmetros colocados pelo Código de Ética e as práticas críticas dentro do próprio campo problematizam constantemente o exercício profissional e o papel das opressões e desigualdades no sofrimento, distanciando, assim, o(a) psicólogo(a) do *coach*.

Além disso, o próprio profissional de Psicologia, independentemente do viés teórico que o orienta, está submetido ao Código de Ética e à regulamentação dos conselhos regionais e federal, de modo que sua prática possui um respaldo legal. A regulamentação das profissões mostra-se particularmente importante para a proteção da sociedade contra o mau exercício profissional, o que se torna ainda mais relevante quando se trata de uma prática tão difundida quanto o *coaching*.

Considerações finais

Ao longo dessa pesquisa, demarcamos o *coaching* como um produto direto e indissociável do neoliberalismo, fundamentado no aprimoramento do desempenho do indivíduo. Para além da inconsistência teórica e da ausência de regulamentação, o *coaching* promove ideais de desempenho, sucesso e maximização de performance que desconsideram a singularidade dos sujeitos e os diversos fatores sociais, econômicos, históricos e culturais que interferem na possibilidade de alcançar ou não os objetivos e *status social* desejados. Considerando os efeitos subjetivantes causados pela lógica empresarial, característicos da racionalidade neoliberal dos indivíduos e coletividades, o *coaching* não seria capaz de se tornar uma prática comprometida com a saúde.

Portanto, a Psicologia não pode ser confundida com a prática do *coaching*, uma vez que busca a promoção da saúde e produz caminhos capazes de não compactuar com os sofrimentos causados pela lógica neoliberal. Para além do Código de Ética como documento, defendemos uma ética nas práticas psicológicas cotidianas que não reforce a lógica nociva, alienante e individualista.

Por fim, a partir de nossa definição do *coaching* como uma técnica privilegiada de operação dos dispositivos de controle neoliberais, defendemos que pouco caberia um diálogo entre o *coaching* e a Psicologia. Tal conversação só seria interessante diante da capacidade inventiva dos *coachs* de repensar sua prática desligada da racionalidade neoliberal, o que seria repensar-se do zero.

Referências

- BORGES, N. B. *Behavior analytic coaching: Studies on the effectiveness of coaching done by a behavior analyst*. Tese (Doutorado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.
- BRASIL. *Lei 8080, de 19 de setembro de 1990*. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.
- BRASIL. *Projeto de Lei 5554, de 7 de julho de 2009*. Dispõe sobre a profissão de coaching (coach) e dá outras providências. Brasília, DF, 2009.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Resolução 10/05, Brasília, 2005.
- CORRÊA, C. R.; RODRIGUES, C. M. L. Depressão e trabalho: Revisão da literatura nacional de 2010 e 2014. *Revista Negócios em Projeção*, 1 (8): 65-74, 2017.
- CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. *Cadernos de Saúde Pública*, 15 (4): 701-709, 1999.
- DAMÁSIO, B. F. *Relatório técnico de pesquisa: Avaliação de impacto do Profissional & Self-Coaching (PSC)*. Relatório final. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EHRENBERG, A. *The weariness of the self: Diagnosing the history of depression in the contemporary age*. Quebec: McGill-Queen's University Press, 2010.
- FERREIRA, A. A. L.; PADILHA, K. L.; STAROSKY, M. A questão da cidadania e da liberdade nos processos da reforma psiquiátrica: Novas possíveis práticas de governamentalidade. *Mnemosine*, 6 (2): 116-143, 2010.
- FOUCAULT, M. “Aula 18 de Janeiro de 1978”. In: FOUCAULT, M. *Segurança, território e população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b. pp. 39-72.
- FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos IV – Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, M. *História da Loucura: na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FRANCO, F.; CASTRO, J. C. L. de; MANZI, R.; SAFATLE, V.; AFSHAR, Y. “O sujeito e a ordem do mercado: Gênese teórica do neoliberalismo”. In: SAFATLE,

- V.; SILVA JUNIOR, N. da; DUNKER, C. (orgs.). *Neoliberalismo como gestão de sofrimento psíquico*. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2021, pp. 39-68.
- GRANT, A. M.; CAVANAGH, M. J. Toward a profession of coaching: Sixty-five years of progress and challenges for the future. *International Journal of Evidence Based Coaching and Mentoring*, 2 (1): 8-21, 2004.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HAN, B. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (orgs.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau, 2006.
- MOTTA, F. *Aumenta o número de 'coaches' no país*. Folha de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/empregos/12834-aumenta-o-numero-de-coaches-no-pais.shtml>.
- NEVES, A.; ISMERIM, A.; COSTA, F. D. da; SANTOS, L. R. P. dos; SENHORINI, M.; BEER, P.; BAZZO, R.; COELHO, S. P.; CARNIZELO, V. C. R.; JUNIOR, N. da S. "A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si". SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N. da; DUNKER, C. (orgs.). *Neoliberalismo como gestão de sofrimento psíquico*. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2021. pp. 117-167.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- OLIVEIRA-SILVA, L. C.; CARVALHO, P. S. F.; WERNECK-LEITE, C. D. de S.; ANJOS, A. da C. dos; BRANDÃO, H. I. M. Desvendando o Coaching: Uma Revisão sob a Ótica da Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38 (2): 363-377, 2018.
- PORTUGAL, F. T.; FACCHINETTI, C.; CASTRO, A. C. (orgs.). *História social da psicologia*. Rio de Janeiro: Nau, 2018.
- ROSE, N. Como se deve fazer a história do eu? *Educação & Realidade*, 26 (1): 33-57, 2001.
- ROSE, N. Psicologia como uma ciência social. *Psicologia & Sociedade*, 20 (2): 155-164, 2008.
- SAFATLE, V. "A economia é a continuação da psicologia por outros meios: Sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral". In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N. da; DUNKER, C. (orgs.). *Neoliberalismo como gestão de sofrimento psíquico*. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2021. pp. 11-38.
- SAFATLE, V. *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2020.
- SALLES; W.; VIEIRA, F. de O.; SOUZA, M. S.; BARROS, S. R. da S. "O canto do coaching": uma análise crítica sobre os aspectos discursivos do triunfo ágil difundido no Brasil. *Revista Eletrônica Gestão & Sociedade*, 13 (36): 3231-3260, 2019.
- SILVA, R. C. M. *A regulamentação do Coaching no Brasil: uma análise sobre a necessidade da atividade privativa do Psicólogo*. Monografia, Direito, Universidade Federal de Campina Grande, 2019.